

A FUNÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA E SEUS DESCONTENTES

Mylenna Vieira Cacho

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN

E-mail: mylenna.vieira@ifrn.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade compreender a função da crítica literária como validadora de uma obra. A teoria literária, que se configura como uma proposta de interpretação do fenômeno literário, é uma construção discursiva da qual participam muitos agentes, inclusive os autores e os leitores. Diante disso, para dar conta das produções literárias, compreender seus mecanismos de realização do modo mais eficiente possível, temos diversos movimentos teóricos importantes. A crítica literária utiliza-se da teoria literária para afirmar se a proposta da interpretação da obra literária é válida como expressão artística. Aquela divide com a escola e a universidade a função de julgar a produção literária de seu tempo, estabelecendo o que cada época julga importante em termos artísticos e culturais. A abordagem da teoria literária, no julgamento crítico, é definida em cada tempo, submetida às determinações históricas e aos movimentos da cultura. Não podemos afirmar, assim, que uma teoria é melhor que outra, ela é, antes de tudo, reflexiva e questionada de acordo com os critérios estabelecidos. Assim, para atingirmos o objetivo das discussões propostas, estruturamos a organização da reflexão pretendida em quatro momentos de discussões. No primeiro, temos a introdução, em que analisamos a compreensão da literatura, a constituição da teoria literária e de como a crítica se utiliza desta para sustentar a sua interpretação. No segundo, discutiremos sobre as principais características de cinco correntes literárias: Determinismo e Formalismo, A crítica estilística e a Nova Crítica, Estruturalismo, Sociologia da Literatura e Estética da Recepção. No terceiro, refletimos as teorias a respeito da constituição literária, elaboradas pelo poeta, dramaturgo e crítico inglês Thomas Stearns Eliot (1888 – 1965). Por fim, no quarto momento, direcionamos as reflexões sobre as constantes oscilação de métodos e bases teóricas sobre a análise de uma obra literária.

Palavras-chave: Crítica Literária, Correntes Teóricas Literárias, Teoria Literária.

1. INTRODUÇÃO

Ao pensarmos sobre o conceito de literatura e sobre a função desta, remetemos, inevitavelmente, à diversidade de produções escritas e à sua relativa estabilidade por estar relacionada a fatores individual ou social, privada ou pública. Segundo Compagnon (2003), Aristóteles falava em *Katharsis* (catarse), ou de purgação, ou de purificação de emoções, uma experiência especial das paixões ligada à arte poética, o prazer de aprender estava na origem da arte poética em sua dupla finalidade: instruir ou agradar, ou instruir agradando.¹

Diante disso, apesar de ser mais cômodo considerarmos os livros clássicos² como literatura, não podemos ignorar toda a variedade de produção escrita que circula em ambiente literário. No entanto, como sabermos quais são as obras que atendem ao bom uso da linguagem? Quais obras têm valor estético?

¹ Horácio também reconhecerá na poesia essa dupla finalidade, qualificada de *Dulce et utile*. (COMPAGNON, 2003).

² Clássico aqui entendido como sinônimo de cânone. Segundo, Saint-Beuve (*Apud* Compagnon, 2003), é uma obra absoluta, entre o individual e o universal, entre o atual e o eterno, entre o local e o global, entre a tradição e a originalidade, entre a forma e o conteúdo; a obra perfeita, a dicção absoluta do ser.

A reflexão teórica sobre a realização da obra nos direcionam a determinar valores (morais, estéticos, de permanência, de ruptura) que possam nos autorizar a reconhecer tais obras como manifestações artísticas do humano na palavra.

Para pensarmos sobre teoria literária, temos que compreender o que é teoria. Inicialmente, temos que entendê-la não como um manual de instrução de como escrever romances e poemas; e, sim, que instrui os estudos literários ou estudos da literatura, estabelecendo os modos como esses podem se organizar.

Assim, a teoria literária, que se configura como uma proposta de interpretação do fenômeno literário, é uma construção discursiva da qual participam muitos agentes, inclusive os autores e os leitores. Diante disso, para dar conta das produções literárias, compreender seus mecanismos de realização do modo mais eficiente possível, temos diversos movimentos teóricos importantes.

A crítica literária utiliza-se da teoria literária para afirmar se a proposta da interpretação da obra literária é válida como expressão artística. Aquela divide com a escola e a universidade a função de julgar a produção literária de seu tempo, estabelecendo o que cada época julga importante em termos artísticos e culturais.

Para Antonio Candido (2000), o papel do crítico literário pode ser compreendido da seguinte maneira:

Toda crítica viva – isto é, que desempenha a personalidade do crítico e intervém na sensibilidade do leitor – parte de uma impressão para chegar a um juízo. [...] Entre impressão e juízo, o trabalho paciente da elaboração, como uma espécie de moinho, tritura a impressão, subdividindo, filiando, analisando, comparando, a fim de que o arbítrio, se reduzam em benefício da objetividade, e o juízo resulte aceitável pelos leitores. (CANDIDO, 2000, p.31).

Para o supracitado autor também, o crítico deve ser um "árbitro objetivo", capaz de julgar o valor da obra por meio da impressão e do juízo. Nessa perspectiva, o papel do crítico literário é julgar o valor da obra literária, através dos conhecimentos estabelecidos pela teoria. Campagnon (2003) afirma que o público espera que os profissionais da literatura lhe digam quais são os bons e quais são os maus livros.

A abordagem da teoria literária, no julgamento crítico, é definida em cada tempo, submetida às determinações históricas e aos movimentos da cultura. Não podemos afirmar, assim, que uma teoria é melhor que outra, ela é, antes de tudo, reflexiva e questionada de acordo com os critérios estabelecidos.

Harmuch (2006) defende que foi a partir do Romantismo que os autores se viram mais livres para buscar caminhos diferentes para a realização estética. Instaurou-se o que Leyla Perrone-Moysés (1998) chamou de mal-estar da avaliação por entender que nesse período predominar em primeiro plano a instabilidade, o diferente e liberdade criadora, perturbando as consciências críticas ainda por muito tempo, a ponto de alguns críticos afirmarem ser no Romantismo a grande evolução na história da literatura.

Temos, nesse contexto, Baudelaire que acreditava que a manifestação da arte não estaria diretamente associada à expressão do belo clássico pois, para ele, pelo contrário, a experiência artística estava, também, naquilo que a tradição execrava.

O século XX propiciou o aparecimento de várias “escolas da crítica literária”; cada uma dessas vinculada a uma perspectiva particular em relação ao fenômeno literário em um direcionamento discursivo de proposta de interpretação. Discutiremos algumas dessas escolas no tópico a seguir.

Concluimos, assim, este tópico, entendendo que a crítica literária busca uma verdade em um campo imutável. Textos considerados não-literários no passado são estudados como literatura hoje, e autores podem vir a ser valorizados pela academia, segundo Zaponne e Wielewiski (2005), determinando, assim, um papel fundamental na definição do que seja literatura, e nas possibilidades e restrições das leituras literárias; não mais em uma perspectiva prescritiva e instrumental, mas em uma teoria reflexiva na qual possa trazer para o trabalho do crítico a reflexão sobre os limites de seu próprio discurso.

2. ESCOLAS DA CRÍTICA LITERÁRIA DO SÉCULO XX: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DA OBRA

Discutiremos neste tópico as principais correntes ou escolas da crítica literária, que aparecidas no século XX, operam, significativamente, no modo como a crítica contemporânea, no século XXI, aproxima-se da literatura.

Deteremos a nossa reflexão em cinco dessas correntes: Determinismo e Formalismo; A crítica estilística e a Nova Crítica, Estruturalismo; Sociologia da Literatura; e Estética da Recepção. Elas serão apresentadas em subtópicos, a fim de sistematizarmos algumas dessas teorizações, as quais servem como ferramentas de leitura crítica, bem como também pensarmos a arte e a linguagem em manifestações mais perturbadoras e definitivas.

Destacamos que outras propostas de abordagem da literatura surgiram para dar conta da diversidade e heterogeneidade de produção que assistimos nos

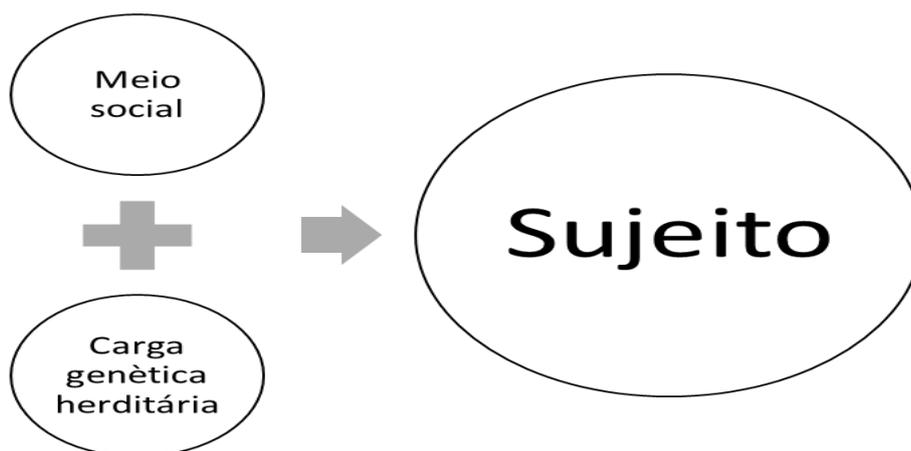
dias de hoje: estudos culturais, autoria feminina e autoria de minorias étnicas e sexuais. Porém, não as abordaremos neste estudo.

2.1 DETERMINISMO E FORMALISMO

O Determinismo apresenta doutrina cujas premissas se baseiam na crença de que o homem é fruto de determinações e influências sociais e genéticas. Suas ideias circularam, principalmente, na produção e na avaliação das obras no período literário conhecido como Realismo/Naturalismo.

Tal escola direciona o olhar da ciência para a compreensão das ações humanas, fundamentadas na combinação da análise do meio social e hereditariedade; defendendo a ideia de que o homem é determinado por esses fatores exteriores à sua vontade.

Figura 01: Representação da construção do sujeito pelo Determinismo



Fonte: Elaborada pela autora deste trabalho.

Assim, o Determinismo pauta-se por justificar, de modo verificável, as determinações exteriores à obra e as influências que essa exerce na dinâmica social, ou seja, a abordagem da obra literária deve se pautar pelas exigências aplicadas aos experimentos científicos. Isso fez com que estabelecesse a base positivista cujas hipóteses de pesquisa e investigação da obra literária só se consolidam em teses caso a argumentação e a exemplificação que as sustentam puderem ser comprovadas e demonstradas na empiria.

Essa base positivista possibilitou o aparecimento de uma nova corrente teórica: o Formalismo ou o Formalismo Russo, consolidado nos anos 1920-1930.

Ao Formalismo, interessa o texto enquanto objeto físico, focando a tenção para a realidade do texto enquanto linguagem. Interessa para essa corrente a materialidade do texto literário, não enfatiza os elementos exteriores à obra, como a biografia do autor, história, filosofia etc., “...o que importava era o *príom*, ou processo, isto é, o princípio da organização da obra como produto estético, jamais um fator externo (SCHNAIDERMAN, 1976, p.9).

Assim, temos que os formalistas se concentravam em investigar os fatores textuais dentro de uma obra literária. Para Roman Jakobson:

A poesia é linguagem em sua função estética. Deste modo, o objeto de estudo literário não é a literatura, mas a literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária.[...] Se o estudo da literatura quer tornar-se uma ciência, ele deve reconhecer o “processo” como seu único “herói”. (JAKOBSON *apud* SCHNAIDERMAN, 1976, p.9-10).

O processo ou *príom*, no Brasil traduzido muitas vezes como procedimento, é um conceito importante para o Formalismo, pois orienta a indicação das diferenças entre o texto literário e o texto não-literário. Os estudiosos dessa corrente falavam em procedimentos de singularização, que se referem aos procedimentos textuais capazes de colocar o objeto para além do foco referencial da linguagem cotidiana, ratificando a ideia de que o texto fornece os elementos para a sua abordagem.

Além da noção supracitada, outras foram importantes para o Formalismo: o Estranhamento (efeito provocado pelo texto), a Forma (envolve a forma e o conteúdo), a Motivação (os motivos acionados ao longo do texto), a Fábula (descrição dos acontecimentos) e a Trama (encadeamentos dos acontecimentos).

Os principais formalistas são Viktor Chklovski, Boris Eikhenbaum, Roman Jakobson, Boris Tomachevski, Pavel Vmogradov, Viktor Chirmunski, Iuri Tinianov e Jan Mukarovski.

2.2 A CRÍTICA ESTILÍSTICA E A NOVA CRÍTICA

Essas duas vertentes da crítica do século XX se preocupam em analisar e avaliar a literariedade como algo vinculado diretamente ao texto, a materialização deste.

Assim, antes de discutirmos os modos de abordagem da crítica estilística para o texto literário, elaboramos um quadro elucidativo de como três teóricos concebem a noção de estilo.

Quadro 1: Considerações acerca de estilo

Teórico	Definição de estilo
Antonio Candido	É o modo peculiar com que cada autor realiza a sua obra dentro do sistema orgânico que é a literatura propriamente dita.
Antoine Compagnon	É a relação do texto com a língua.
Umberto Eco	Configura-se como algo que determina a realização de um texto e também a leitura que se fará deste texto.

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho (2017).

A partir das análises dessas definições, temos um conjunto complexo e múltiplo de características que definem a escritura de uma obra. Com isso, percebemos que a abordagem estilística se preocupa com aspectos sintáticos, semânticos, lexicais, morfológicos e sonoros caracterizadores de uma determinada obra, além de considerar pelo menos três estágios: a explicação, que diz respeito ao reconhecimento e discussão de certos fenômenos linguísticos do que se quer analisar, estabelecendo as relações de interesse (biográficas, ideológicas ou estéticas); a valorização que trata de apresentar o levantamento dos fenômenos linguísticos, afim de perceber a sua importância para o conjunto de sentidos que o texto alcança; e o arrolamento, que se refere à elaboração de uma lista de ocorrências linguísticas com o objetivo de atribuir-lhes um sentido ao explicar-lhes e relacioná-los entre si.

A nova crítica, denominada também de *new criticism*, é um movimento que não considera estáveis os procedimentos apontados pela crítica literária com relação ao texto. Isso se deve ao fato de o grupo pertencente a essa corrente ser homogêneo e haver bastante divergência entre os seus pares, conforme afirma Junqueira (1989, p.13): “o new criticism está longe de constituir um bloco homogêneo, abrigando tendências das mais divergentes”.

T.S.Eliot, um dos principais teóricos desta corrente, aponta que é preciso verificar na obra do poeta os momentos em que ecoam os poetas mortos, seus ancestrais, garantindo, com isso, a imortalidade para si e para os antecedentes. Destarte, o supracitado autor apresenta que a valorização crítica deve estruturar-se em bases comparativas, partindo do talento individual e suas relações com a tradição, pois

nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos.

Entendo isso como um princípio de estética, não apenas histórica, mas no sentido crítico. (ELIOT, 1989, p. 39).

Compreendemos, então, que há uma valorização do sentido histórico da tradição artística e literária, desvincilhada do apego positivista aos elementos externos (história, biografia, sociedade etc.), bem como a avaliação de um poeta deve ocorrer por sua capacidade de produzir obras que provoquem no leitor sentimentos e emoções vivenciados ou não em sua vida particular.

A ideia do texto como objeto de estudo em si mesmo (materialidade do texto) é característica das correntes textualistas (Formalismo Russo, Nova Crítica e Estilística), por essas desconsiderar aspectos voltados para o estudo do leitor e da recepção nos processos de leitura.

2.3 ESTRUTURALISMO

A corrente estruturalista centraliza na abordagem da forma e da estrutura da obra literária, não se restringindo à compreensão e à análise do conteúdo desta, tendo em vista que consideram ser aqueles elementos determinantes para os sentidos que o texto poderá obter.

A Linguística contribuiu muito para as ideias do Estruturalismo. Ferdinand de Saussure sistematizou a relação entre significante e significado, ampliando, com isso, as possibilidades de leitura para a matéria-prima da literatura -, ou seja, a palavra. Assim, com a ideia de atribuímos vários significados ao significante, estamos agora no campo da poética onde os significados possíveis para um significante podem ser muito amplo.

Outra ciência que também contribuiu com o Estruturalismo foi a Antropologia, sobretudo com as ideias Claude Lévi-Strauss. A partir dos estudos deste teórico, os estudiosos estruturalistas buscaram desenvolver uma gramática universal da narrativa que comprovasse como os seres humanos estruturam a sua experiência de vida.

Nessa perspectiva, os elementos de abordagem dessa corrente crítica funcionam como uma fórmula e o leitor tem pouco espaço para a subjetividade. Entretanto, salientamos que os sentidos do texto literário não se revelam apenas pela aplicação da fórmula, é necessário que o texto seja considerado no momento de aplicação da análise estrutural, pois os textos não se encaixam perfeitamente nas estruturas propostas teoricamente.

2.4 SOCIOLOGIA DA LITERATURA

Desde a Grécia Antiga com Aristóteles (384-322 a.C.), a relação da literatura com o social é pensada como *mimesis* (imitação), problematizando essa realidade e nos trazendo uma reflexão da mesma.

A Sociologia da Literatura ou Crítica Sociológica é a corrente crítica que se detém a análises de como configuração dos contextos sociais, econômicos e políticos determinam as motivações e os modos de realização literária. Assim, temos uma discussão em que o contexto determina os caminhos de abordagem para o texto.

No entanto, não podemos confundir crítica sociológica com crítica biográfica. A primeira diz respeito ao significado coletivo da obra ao representar e reproduzir determinada época; a segunda se preocupa com os acontecimentos da vida do autor enquanto indivíduo. Sobre isso Marisa Corrêa Silva (2005, p.142) afirma que “não é tão importante saber que o romance seja autobiográfico, mas sim, verificar através da leitura, que esse romance faz uma ponte estética entre realidade social, coletiva e representação artística.”

Assim, os estudiosos dessa corrente se interessa pelas relações complexas entre os textos e seu contexto mais amplo e o de origem, tendo em vista que a obra produz relações com outros textos (ou os anteriores ou os contemporâneos).

2.5 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

O texto base que deu origem a corrente literária Estética da recepção foi *A História da literatura como provocação à teoria literária*, de Hans Robert Jauss. Nessa obra, o autor critica a teoria literária marxista, que considera o sentido da literatura como reflexo da realidade social, e a escola formalista, que compreende a literatura como uma sucessão de sistemas estético-formais sem relação com o processo geral da história; centrando o foco no reconhecimento do papel do leitor, nas instâncias de recepção do texto (objeto histórico) em um determinado tempo.

Com isso, temos que a significação de uma obra aparece na relação dialógica em cada época entre essa obra e o público. Entretanto, não se trata de dar ao leitor o poder maior para significar a obra, mas reconhecer os sentidos atribuídos ao texto ao longo do tempo e as determinações para essas atribuições de sentido.

O leitor é o vetor dos sentidos históricos e sociais que uma obra literária alcança em seu meio de circulação. A abordagem histórica possibilita

perceber as possibilidades de interpretação do texto literário como um modo de influenciar o meio social e psicológico de uma época.

Cabe-nos destacar a noção de coerência interpretativa que é preocupante pelos teóricos literários. Assim, se essa corrente em análise considera o leitor como o principal agente de interpretação do texto literário, temos que refletir que aquele está submetido às leis da lógica, da coerência e da relação entre fatos, eventos, lugares etc.

Nessa perspectiva, destacamos a fenomenologia, que compreende a maneira pela qual os objetos e a realidade são percebidos pela consciência. Eagleton percebe a relação entre esse método e a estética da recepção nos afirmando:

se a fenomenologia assegurava, de um lado, um mundo cognoscível, por outro lado estabelecia a centralidade do sujeito humano. Na verdade, ela prometia ser nada menos do que uma ciência da própria subjetividade. O mundo é aquilo que postulo, ou que “pretendo” postular: deve ser apreendido em relação a mim, como uma correlação de minha consciência. (EAGLETON, 1989, p.63).

O ser humano está na centralidade, e o seu ponto de vista está relacionado ao modo de ver o mundo (concepções, crenças e julgamentos), ou seja, só podemos interpretar o mundo a partir do lugar em que estamos observando o que nos cerca. Na Estética da recepção, o leitor é autônomo e autoridade, simultaneamente, tendo em vista que suas condições de leitura são consideradas ao interpretar uma obra literária; tornando-se, junto com esta, objeto de estudo e observação da teoria literária.

3. AS FRONTEIRAS DA CRÍTICA LITERÁRIA

Após as discussões sobre algumas das principais correntes teóricas da crítica literária, refletimos neste tópico sobre os limites e possibilidades de análise de uma obra por estudiosos dessas ideologias. Para isso, escolhemos a compreensão do poeta, dramaturgo e crítico inglês Thomas Stearns Eliot (1888 – 1965) para debatermos sobre a problemática apresentada. Algumas das ideias do supracitado autor já foram debatidas no tópico 2.2 deste artigo, porém para a discussão proposta neste tópico, achamos necessário retomá-las em alguns momentos.

As funções, os limites e os objetivos da crítica literária são discutidos desde que esta expressa o real valor de um texto como pertencente a um sistema. Contudo, a independência da crítica é parcial, tendo em vista que o seu texto produzido contém o espírito literário de uma época e retrata características sistemáticas de obras publicadas no período.

Assim, a cada tempo, com a transformação do homem e do mundo, os sistemas adquirem novas percepções estéticas, isto é, o equilíbrio da ordem

de um sistema se mantém até o surgimento de uma obra com outros paradigmas estéticos, rompendo com o que anteriormente prevalecia (COUTINHO, 1968).

No entanto, a questão primordial discutida por T.S. Eliot é o diálogo entre o crítico e o seu público alvo. O referido autor afirma que uma vez que o artista estabelece um vínculo com a tradição, o crítico possui intenções ao produzir uma avaliação, a qual está intimamente ligada à teoria literária de seu tempo.

Sobre a tradição, Eliot (1997) afirma:

A tradição implica um significado muito mais amplo. Ela não pode ser herdada, e se alguém a deseja, deve conquistá-la através de um grande esforço. Ela envolve, em primeiro lugar, o sentido histórico, que podemos considerar quase indispensável a alguém que pretenda continuar poeta depois dos vinte e cinco anos; e o sentido histórico implica a percepção, não apenas da caducidade do passado, mas de sua presença. [...] Esse sentido histórico, que é o sentido tanto do atemporal quanto do temporal e do atemporal e do temporal reunidos, é que torna um escritor tradicional. (ELIOT, 1997, p.38-39).

Nesse sentido, temos que o significado e a apreciação de um poeta/artista têm relação com outros que os antecederam, em um estabelecimento de contraste e comparação de forma harmônica, coesa e não unilateral entre o antigo e o novo.

A literatura, nessa perspectiva, segundo Eliot (1989), é abrangente e indissociável na relação com outros sistemas (conjuntos orgânicos). O autor declara ainda que “há algo exterior ao artista a que ele deve obediência, uma devoção à qual precisa submeter-se e sacrificar-se a fim de que possa conquistar sua posição única” (ELIOT, 1989, p. 50).

Com essa discussão, encontramos uma contradição em relação à arte, por perceber que se por um lado esta é um conjunto organizado de obras individuais, de perspectivas diferentes; por outro lado, a arte é uma atividade autotélica, condição que lhe garante independência diante de outros sistemas e hierarquias. Mas, continuemos nossas reflexões...

Eliot afirma que o bom crítico deve disciplinar seus preconceitos e caprichos pessoais, com intuito de constituir um julgamento preciso e coerente. Por sua vez, um mau crítico deve seu sustento à violência e aos extremos de sua oposição a outros críticos, não desenvolvendo um julgamento útil à comunidade acadêmica.

Os “verdadeiros corruptores”, para Eliot, são os críticos cujas análises restringe a obra, dificultando o desenvolvimento da capacidade interpretativa do leitor. Uma crítica enfatiza a presença oculta de um leitor, que é conduzido a caminhos da interpretação pessoal; contudo, a primeira reação deste deve ser preservada, a fim de que o crítico a eduque.

Eliot comenta também sobre o mau poeta:

[...] o mau poeta é habitualmente inconsciente onde deve ser consciente, e consciente onde deve ser inconsciente. Ambos os erros tendem a torna-lo “pessoal”. A poesia não é uma liberação da emoção, mas uma fuga da emoção; não é a expressão da personalidade, mas uma fuga da personalidade. Naturalmente, porém, apenas aqueles que têm personalidade e emoções sabem o que significa querer escapar dessas coisas. (ELIOT, 1997, p.47).

Logo, para o referido autor, não há uma interpretação correta e mais importante em uma obra; o conjunto de leituras é que garantirão a sua unicidade, porque “o significado é aquilo que o poema quer dizer a leitores de diferentes sensibilidades” (ELIOT, 1991, p. 154 – 5). Não devemos considerar como única verdade a intenção do criador no momento da criação. Com isso, o método da explicação de uma obra adotado pelo crítico é perigoso.

Nesse sentido, a função da crítica é promover a compreensão da literatura e do seu prazer, não mais sendo representada como explicação de obras de arte e correção do gosto, como se acreditava antes.

Diante das reflexões apresentadas, ressaltamos que a funcionalidade da crítica é permanente e que os sistemas se modificam à medida que novas bases e conceitos estéticos surgem. As ideias de T.S.Eliot fazem-nos refletir sobre a ação de um crítico, observando aspectos como a tradicionalidade e o prazer literário.

4. CONCLUSÃO

Diante das discussões apresentadas neste trabalho, percebemos a oscilação constante de métodos e bases teóricas sobre a análise integral de uma obra literária.

A crítica é uma tentativa de expor possíveis “verdades” sobre a obra literária, mesmo considerando a afirmação de Todorov de que um texto nunca pode dizer toda a verdade sobre si. Porém, entender como funciona a análise teórica nos permite compreender os processos de legitimação de autores e suas obras.

A busca de um novo ideal de história literária e novos métodos que tornem possível o preenchimento de lacunas teóricas existentes deve ser considerada, tendo em vista a complexidade existente em nossa sociedade, embora já creditando que espaços de análises vão sempre existir pela natureza semântica, social e histórica de uma obra.

Assim, as reflexões apresentadas não se esgotam neste texto e, ao mesmo tempo, elas procuram deslindar outros possíveis diálogos de compreensão.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Edufmg, 2003.

COUTINHO, A. **Crítica e poética**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

ELIOT, T.S. **Ensaio**. São Paulo: Art Editora, 1989.

ELIOT, T. S. As fronteiras da crítica. In: **De poesia e poetas**. Tradução Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 140 – 160.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: **Ensaio de doutrina crítica**. Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HARMUCH, Rosana. **O Terrorismo na Literatura na Era de Queirós**. Tese (Doutorado em estudos literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Lisboa: Vega, 1993.

PERRONE-MOYSÉS, Leyla. **Atlas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SCHNAIDERMAN, Bóris. Prefácio. In: EIKHENBAUM, Bóris *et al.* **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1976, p.9-22.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2005. p.141-152.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 2.ed. Biblioteca Universitária: Lisboa, 1955. (Publicações Europa América).

ZAPONNE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; Zolin, Lucia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2005.